

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

# O ANJO BRANCO

romance

gradiva

## VI

O líquido negro fumegante ondulava na chávena num remoinho lento. Parecia petróleo a esaldar.

"Vai um café?"

Angelino, muito hirto e de olhar carregado, abanou ligeiramente a cabeça.

"Não, meu coronel. Vou comer quando voltar ao Mazoi."

O coronel Varela apreciou a recusa. Se fosse tropa regular, o seu interlocutor já se teria agarrado à chávena e se calhar até tinha pedido umas bolachas para acompanhar. Mas não aquele homem. O alferes era um comando e estava ali para actuar, não para confraternizar.

Na verdade, Armando Varela estava habituado a ver os comandos como rivais; no fim de contas ele próprio era coronel pára-quedista. Mas desde que assumira simultaneamente as funções de chefe militar e de governador de Tete, já não podia olhar para os comandos com os olhos antagonistas de um pára-quedista. Pairava agora acima das rivalidades e tinha o dever de coordenar todas aquelas forças.

O coronel girou a cabeça pela sala de planeamento operacional, uma divisão simples com paredes de madeira, e pareceu--lhe tudo a postos. Pousado sobre a mesa estendia-se um grande mapa a mostrar o regulado de Gandali, situado poucos quilómetros a sul da ZOT; aliás, as instalações da Zona Operacional de Tete encontravam-se tão perto do regulado que até apareciam assinaladas no mapa.

Em redor da mesa, quatro homens aguardavam que o chefe militar desse início à reunião. O coronel Varela olhou-os um a um. O homem da Força Aérea, capitão Vasco Telles, e o comandante do Batalhão de Caçadores 17, major Josué Ponces, manti-nham-se numa expectativa tranquila; era natural, tratava-se de dois executores que simplesmente aguardavam as ordens do seu superior hierárquico.

A mesma postura seria aliás de esperar do comandante dos comandos, Angelino Melro, mas o coronel sabia ler os homens e descortinava no alferes, sob a máscara de uma impavidez obviamente simulada, a ebulição de um operacional impaciente por entrar em acção. Não era preciso ser um génio para perceber aquela impaciência; o governador sabia muito bem que o sangue do alferes fervia por causa da emboscada que os comandos haviam acabado de sofrer na estrada. Se bem os conhecia, não descansariam enquanto não ajustassem contas com os turras.

Os olhos do chefe militar de Tete desviaram-se para o quarto homem, que se remexia com impaciência e mudava amiúde a perna em que se apoiava. O coronel estreitou as pálpebras, tentando interpretar aquela postura corporal. Conhecia o pequeno inspector da DGS havia algum tempo e já tinha notado que, quando Aniceto Silva se apresentava assim agitado, era porque rebentava de novidades. Estava na hora de as conhecer.

O coronel Varela pousou a chávena na borda da mesa e pôs as mãos à ilharga, como fazia nos seus tempos de operacional pára-queda quando se preparava à porta de um avião para se lançar no abismo.

"Meus senhores", começou por dizer no tom de quem abre formalmente a reunião. "Como sabem, os turras andam a ganhar cada vez mais atrevimento e já chegaram à entrada de Tete." Fez um gesto na direcção da janela, exibindo a planície seca que se estendia pelo horizonte amarelado. "Os gajos estão, aliás, a meia dúzia de quilómetros aqui da ZOT e ameaçam Tete e a estrada do Songo para Cabora Bassa. O general Kaúlza anda muito preocupado com a situação e já me ligou várias vezes nas últimas semanas. É imperativo garantir a segurança de Tete e de Cabora Bassa e barrar-lhes o caminho para Vila Pery e para a Beira. Mas, além da grande importância estratégica do que está em causa, é bom lembrar que a própria honra das Forças Armadas se encontra em jogo. Se nós nem os arredores de Tete controlamos, controlamos o quê? Precisamos, pois, de pôr ordem nisto! Para lidar com este problema andamos há uma semana a planear a Operação Marosca. A ideia era lançá-la depois do Natal, mas parece que surgiram umas novidades que nos poderão forçar a antecipar a acção planeada." Indicou Angelino. "O nosso alferes sofreu agora uma emboscada a poucos quilómetros daqui, não é verdade?"

O comandante da 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos inclinou-se sobre o mapa e apontou para uma aldeia junto à estrada.

"Foi aqui em Corneta, meu coronel", indicou. "Eu não estive lá, as coisas aconteceram com os meus camaradas do segundo grupo. Eles tinham ido pernoitar ao aldeamento Mandie para fazer esta manhã um golpe de mão no aldeamento Cebola e capturar o régulo e os filhos, conforme as ordens que tínhamos recebido, e foram emboscados na estrada no caminho de regresso. Sofremos seis feridos, incluindo o furriel Amaro Sousa, que ficou com a bacia fracturada. Os nossos homens bateram a aldeia situada ao lado do ponto da emboscada, mas ela estava deserta e limitaram-se a queimar as palhotas."

O coronel Varela comparou no mapa a distância de Corneta à ZOT e à cidade de Tete.

"Porra, os cabrões estão mesmo próximo!", constatou. Desviou o olhar para o impaciente inspector Aniceto Silva. "Quais são as informações de que a PIDE dispõe sobre esta zona?"

"Está totalmente infiltrada pelos turras, senhor coronel", retorquiu o homem da DGS. "O que o alferes Melro acaba de contar confere com o que tem acontecido nas últimas vinte e quatro horas nesse sector. Ainda agora o Guerra apareceu a queixar-se de que, quando vinha de avião e descia para aterrar em Tete, foi alvejado de umas palhotas." Fez um gesto em direcção ao ponto no mapa a assinalar Corneta. "A avioneta fez a aproximação à cidade por sudoeste e, pelos meus cálculos, os tiros vieram justamente desta zona."

O coronel franziu o sobrolho.

"Andaram a disparar desse sector contra a geringonça do Guerra?"

"Sim, senhor coronel. Foi ontem."

"E o que fez o senhor?"

"Mandei o Chico ver o que se passava. Ele foi lá esta manhã perguntar à população se os turras andavam por ali."

O chefe militar soltou uma gargalhada.

"Quando viram o Chico devem ter apanhado um cagaço, não? Eu, se desse com um brutamontes daqueles, confessava logo tudo!"

Aniceto Silva não acompanhou o riso.

"Pois eles não confessaram coisa nenhuma", retorquiu com secura. "Aquilo está tudo infiltrado pelos turras, senhor coronel. Tudo." O inspector inclinou a cabeça na direcção de Angelino. "Aliás, os comandos foram há pouco emboscados naquele sector pouco depois de a população ter garantido ao Chico que ali não havia turras. Mas a emboscada prova que os turras estão lá e que a população nos anda a mentir."

O coronel Varela endireitou-se e pegou na chávena de café. Sorveu um gole quente e respirou fundo, avaliando as suas opções. O quadro que lhe havia sido traçado era claro e cabia--lhe a ele tomar as decisões que se impunham. Pousou a chávena

e afinou a voz, como sempre quando se preparava para dar ordens importantes.

"Muito bem, vamos então antecipar a Operação Marosca", decidiu. Virou-se para o comandante da Força Aérea. "Como sabe, capitão Telles, o plano prevê que a operação seja desencadeada pelos *Fiats*."

"Pode contar connosco, meu coronel."

O chefe militar de Tete voltou-se para o comandante da 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos.

"Depois avançam os comandos", indicou, consultando as folhas onde a Operação Marosca se encontrava planificada. "São necessários três grupos. Dois serão inseridos a norte e terão de estar em posição pelo final da manhã." Apontou para o major Ponces. "O Batalhão de Caçadores 17 terá uma força a apoiar os comandos emboscados a norte." Indicou um ponto no mapa a assinalar a estrada. "O terceiro grupo de comandos encontrar-se-á aqui no entroncamento da estrada do Songo com os *Alouettes* que os levarão para a borda sul do sector."

"Eu conheço o plano, meu coronel", retorquiu Angelino. "Precisava é que o bombardeamento dos *Fiats* incidisse em pleno centro da aldeia, para obtermos maior efeito."

"No centro da aldeia?", estranhou o capitão Telles. "Isso está cheio de civis!..."

"É verdade", confirmou Angelino. "Mas a confusão que o bombardeamento irá gerar entre a população é a mais propícia para a entrada em segurança das nossas forças."

O comandante da Força Aérea abanou a cabeça enfaticamente.

"Não, nem pensar!", declarou. "A Força Aérea não bombardeia populações civis. Dêem-nos um alvo militar e tudo bem, mas não posições civis!"

"A aldeia é um alvo militar", atalhou o inspector Aniceto Silva, intrometendo-se na conversa. "Os turras estão infiltrados no sector e contaminaram as populações civis."

O capitão Telles ergueu o dedo, como quem diz que dali não arredava pé.

"Repito que a Força Aérea não bombardeia alvos civis!", sentenciou. "Dêem-nos um alvo militar e podem contar connosco, mas não alvos civis!"

"Os alvos civis são alvos militares", insistiu o homem da DGS. "Não percebe o que se passou ali esta manhã? Os comandos foram atacados naquele local pouco depois de a população ter garantido ao Chico que por ali não havia turras! Isto mostra que toda a zona está infiltrada!"

O capitão Telles voltou a abanar a cabeça, irredutível.

"Os bombardeamentos aéreos são indiscriminados", explicou. "Não podemos largar bombas no meio de uma aldeia cheia de civis."

"Mesmo estando ela infiltrada de turras?"

"Mesmo assim."

Aniceto Silva abanou a cabeça, agastado. O bombardeamento aéreo, porém, era sobretudo um requisito tático, o que levou Angelino a tentar encontrar uma solução que contornasse a recusa obstinada do homem da Força Aérea.

"Então lance pelo menos uma bomba pequena", argumentou o comandante dos comandos. "Precisamos dela para estabelecer a confusão."

"Nem pequena nem grande! Não há bombas da Força Aérea contra aldeia nenhuma."

Angelino, que se esforçava por manter a postura tranquila, aclarou a garganta.

"Desculpe, meu capitão, mas só se for nova política da Força Aérea", disse. "Há uns tempos vi uma aldeia com o chão coberto de crateras de bombas lançadas pela Força Aérea. Algumas eram tão grandes que cabia lá uma *Berliet*."

O capitão Telles olhou-o com desconfiança.

"Onde foi isso?"

"Na serra Mapé, em Cabo Delgado. Como sabe é uma zona totalmente contaminada, mas na aldeia viviam populações. E as crateras estavam bem no meio da povoação."

"Eu não tenho nada a ver com as operações da Força Aérea em Cabo Delgado", rugiu o oficial aviador. "Aqui em Tete nós não..."

"Meus senhores!", sobrepôs-se a voz do coronel Varela, impondo o silêncio. "A Operação Marosca decorrerá conforme planeado." Lançou um olhar ao capitão Telles. "A Força Aérea irá bombardear o alvo, como consta dos requisitos operacionais." Virou a cara para Angelino e para o major Ponces. "Dois grupos de comandos e um de caçadores estarão em posição a norte e logo a seguir ao bombardeamento avança de sul um terceiro grupo de comandos nos *Alouettes*." O movimento da cabeça terminou no inspector Aniceto Silva. "A PIDE acompanhará este terceiro grupo de comandos e conduzirá os interrogatórios." O coronel calou-se e voltou a encarar os quatro interlocutores um a um, como se indicasse que a hora da discussão já terminara e aquelas instruções eram finais. "Entendido?"

Os quatro anuíram com movimentos afirmativos de cabeça. O chefe militar de Tete voltou a consultar os documentos onde a operação estava planificada.

"O bombardeamento dos *Fiats* será efectuado às sete da manhã do dia 18 e logo a seguir..."

"Tem de ser amanhã", cortou Aniceto Silva.

O coronel Varela arregalou os olhos, espantado com a interrupção.

"Como?"

O inspector da DGS tinha uma expressão convicta no rosto.

"Se queremos ter a certeza que apanhamos os turras, temos de avançar amanhã o mais tardar."

"Amanhã?"

"lá, amanhã."

O coronel suspirou; parecia um pai a lidar com o capricho de uma criança.

"Inspector, todos queremos antecipar a operação", disse. "Mas ninguém quer antecipá-la assim tanto. Porquê essa urgência?"



"Já lhe expliquei, senhor coronel", argumentou o inspetor da DGS. "Se queremos ter a certeza de que apanhamos os turras, temos de avançar amanhã o mais tardar."

"Mas porquê amanhã? Porque não dia 18?"

"Porque são essas as informações de que disponho, senhor coronel. Estou a falar de informações seguras."

Angelino apoiou-se noutra perna, impaciente e irritado com tanta certeza.

"Eu conheço muito bem as informações seguras da PIDE!", exclamou o chefe dos comandos num tom de desprezo. "Estou farto de andar à caça dos gambozinos à custa das vossas informações seguras! Ainda noutro dia a PIDE nos garantiu que havia no Zobo um acampamento de turras e, quando lá chegámos, só vimos impalas!"

"Estas informações são seguras", insistiu Aniceto Silva, quase rangendo os dentes. "Seguríssimas!"

O coronel Varela inclinou-se sobre a mesa, apoiando-se nas mãos.

"Lá, mas seguras a que ponto, senhor inspetor? O nosso alferes tem razão. Não tem conta o número de missões que enviamos à custa das informações seguras da PIDE e que se vêm a revelar um completo fiasco..."

O inspetor suspirou.

"As nossas informações indicam a presença do Raimundo na zona." A referência ao nome teve o condão de calar os quatro militares na sala, garantindo ao inspetor a melhor atenção. "Não preciso de vos recordar o prestígio desse chefe maconde que veio aqui para Tete desestabilizar o distrito, pois não?"

O coronel Varela cruzou os braços e mordeu o lábio inferior, considerando a informação.

"Tem a certeza de que o Raimundo está neste sector?"

O rosto do homem da DGS abriu-se num sorriso sibilino.

"Quem mais se atreveria a atacar os comandos à luz do dia?" Fez uma pausa, deixando a ideia germinar na mente dos militares. "Ele comanda trezentos guerrilheiros que se infiltraram nas aldeias desta área. E eu sei que o tipo vai estar amanhã numa delas."

Angelino soltou uma gargalhada céptica.

"Como pode o senhor saber uma coisa dessas? Falou com ele?"

Aniceto Silva estreitou ligeiramente os olhos, com ar de quem estava na posse de matéria confidencial.

"É uma informação que tenho."

"Desculpe, senhor inspetor", interveio o coronel Varela. "Considerando o que está aqui em causa gostaria de saber qual a fonte dessa informação."

O responsável da DGS respirou fundo, sabendo-se derrotado.

"É o Mendes", disse. "O gajo foi esta manhã comprar cabritos às aldeias e os turras apanharam-no."

"Qual Mendes? O da *Toyota* vermelha?"

"Esse mesmo."

"Os turras apanharam-no?"

"Sim, mas não lhe fizeram mal", apressou-se o inspetor a esclarecer. "Os tipos disseram-lhe que não o matavam mas que precisavam de ser abastecidos de farinha e sal e mandaram-no ir a Tete buscar esses produtos e entregá-los amanhã na aldeia." Consultou uma anotação. "Marcaram encontro junto a uma pedra chamada... tombonhapangara... ou lá como se diz essa merda! Só sei que o coitado do Mendes apanhou um cagaço dos antigos! Foi a correr para Tete e veio logo falar comigo."

Os quatro militares estavam boquiabertos, os olhos presos no inspetor; era demasiado bom para ser verdade! Passada a surpresa inicial, o coronel Varela acercou-se de Aniceto Silva e desferiu-lhe uma sonora palmada nas costas.

"Ó homem, porque não disse isso mais cedo?", exclamou com indisfarçável entusiasmo. "Você tinha uma informação dessas e estava calado?"

Apanhado de surpresa pela palmada, o inspetor cambaleou e esboçou um esgar de dor.

"Mas, senhor coronel, é o que eu estava a tentar fazer", defendeu-se. "Eu disse que tinha informações seguríssimas de que o Raimundo estava localizado, não disse?"

O chefe militar soergueu o sobrolho.

"Muito bem, você sabe onde os turras vão estar amanhã. Mas como tem a certeza de que o Raimundo estará lá?"

"Certeza ninguém tem de nada, mas foi o que o Mendes me disse", explicou Aniceto Silva. "Parece que os tipos da aldeia estavam todos em respeito por terem o Raimundo com eles. Diziam que estava ali o dalepa e que com o gajo ninguém se metia."

Todos reconheceram a referência. "Dalepa", ou "bicho que cheira mal", era o inconfundível nome de guerra do lendário Raimundo, o guerrilheiro maconde que andava a desestabilizar o distrito de Tete. Enfim convencido, o coronel Varela desferiu um murro inflamado na palma da mão.

"Muito bem, pessoal!", exclamou. Encarou o comandante dos comandos e apontou-lhe o dedo para enfatizar as suas ordens. "Esta zona é para limpar, percebeu alferes? Para limpar! Quero tudo limpo de uma vez por todas!"

Era a primeira vez que Angelino recebia uma ordem daquelas, mas nem sequer pestanejou. No seu dicionário, "limpar" significava limpar. Sabia que essa ordem já havia sido dada em operações envolvendo outras companhias e sempre imaginara que alguma vez teria de lhe caber a ele. A hora chegara e não havia que duvidar, até porque um comando obedecia a ordens e ele era o melhor da sua companhia.

"Sim, meu coronel."

O chefe militar de Tete voltou a inclinar-se sobre a mesa, analisando as posições identificadas no mapa.

"Qual é o ponto de encontro marcado pelo Raimundo com o Mendes? Vai ser em Corneta?"

O inspector da DGS abanou a cabeça.

"Corneta encontra-se demasiado exposta por causa da estrada que passa ao lado", disse Aniceto Silva. "Além disso foi destruída há pouco pelos comandos, como aqui o senhor alferes teve a amabilidade de nos explicar." Indicou um espaço no mapa mais a norte. "Os turras estão numas aldeias ali mais para

o interior." Dobrou-se também sobre a mesa e ajeitou os óculos, procurando uma referência mais exacta. Consultou umas anotações que extraiu do bolso da camisa e comparou-as com as legendas registadas no mapa. "As coordenadas da zona onde os turras se encontram são... deixe cá ver... 3334.1618... 3337.1618 e... e 3334.1621." Indicou um triângulo imaginário com os vértices assentes nas três coordenadas. "É aqui dentro."

"Que aldeias estão aí?"

O inspector identificou-as com o dedo.

"São estas."

Aniceto Silva ergueu os olhos e viu os quatro militares voltados igualmente sobre o mapa, esforçando-se por reconhecer as legendas aí assinaladas.

"Chawola e... e Juwau?"

"Sim, senhor coronel", confirmou o inspector, deslizando de seguida o dedo para um terceiro ponto. "Mas o Mendes ficou de entregar a farinha e o sal nesta outra aldeia."

O olhar do chefe militar deslizou para o nome da terceira referência.

"Willamo?"

O chefe distrital da DGS abanou a cabeça e corrigiu-o.

"Wiryamu."

## XIII

Se a potência do motor correspondesse a metade do barulho que fazia, a *Farnel Foguete* de fabrico nacional seria um bólido imparável. Mas Diogo tinha consciência de que a motorizada que lhe trepidava nas mãos, apesar de estupidamente ruidosa, não era máquina de corrida; nem aliás precisava que o fosse, uma vez que ia em descida e só a usava para se deslocar.

Logo que nessa manhã havia chegado a Tete, o furriel fora alugar a motorizada ao Zambézia Comercial e dera um salto ao hospital para saber de Sheila, de quem não tinha notícias havia quase três semanas, tantas quantas passara no mato à espera da primeira oportunidade para vir a Tete. Havia cumprido no Mazoi o final da sua comissão na 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos e, logo no primeiro dia de 1973, regressara ao Chioco para reintegrar as fileiras do BART. Envolvido numa série de procedimentos relacionados com a transferência e depois com a falta de pessoal no Chioco por causa das licenças de Natal e Ano Novo, durante todo esse tempo não havia sido autorizado a deslocar-se à cidade. As múltiplas tentativas que fizera à distância para localizar a

namorada embateram num silêncio angustiante; nenhuma das inúmeras cartas que lhe enviou teve qualquer resposta.

O problema é que Sheila não era a única pessoa que desaparecera. Havia três semanas que ninguém sabia do tio e no hospital as enfermeiras tinham mesmo medo de falar do assunto. Fora visitar a tia Mimicas e dera com ela desesperada a preparar as malas para ir a Lourenço Marques tentar falar com o governador--geral, projecto que todos sabiam estar destinado ao fracasso.

O ar que lhe fustigava a face enquanto se anichava na moto semeou nele a dúvida. Seria o vento tão forte que fizesse voar o que levava nos bolsos? Deitou a mão ao bolso direito das calças e constatou que estava vazio. Alarmado, pôs a mão no outro bolso. Sentiu a textura do papel e exalou um suspiro aliviado; não o perdera. Era reconfortante saber que pelo menos trazia ali a informação que poria fim a quase três semanas de ansiedade em relação a Sheila. Fora difícil, mas após grande insistência o pessoal do hospital lá se compadecera e acabara mesmo por lhe dar a morada de casa da namorada.

A *Farnel Foguete* chegou ao cruzamento do Hotel Zambeze. Virou à direita para o posto do calhambeque e Diogo apercebeu--se de uma coluna de *Berliets* estacionada no sentido oposto com uma companhia de boinas vermelhas na carga a beber cerveja. Deteve-se nos rostos e reconheceu os homens da 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos; tinham um ar fatigado.

Hesitou, indeciso em relação ao que fazer. Deveria falar-lhes ou seria melhor fazer de conta que não os vira? A lembrança da grande matança na aldeia era demasiado dolorosa e inclinou-o para esta última decisão. Carregou na embraiagem e, com um movimento do pé, engatou a primeira.

"Então, grande campeão? Por aqui?"

Ainda pensou em fingir que não escutara a voz de Angelino e arrancar, mas uma ligeira hesitação deitou tudo a perder. O comandante dos comandos apareceu-lhe ao lado com uma garrafa de *Laurentina* preta na mão e a oportunidade esfumou-se.

"Olá, Angelino", cumprimentou Diogo sem sorrir. "Não é um pouco cedo para começar a beber?"

O boina vermelha contemplou a garrafa.

"Bebo para esquecer."

"Esquecer o quê? As mulheres e as crianças que mataste?"

"Também."

Uma forte essência de *after-shave* atingiu Diogo com a força de uma lufada de vento. O furriel fez uma careta e desviou o rosto, tentando fingir o odor forte.

"Porra!", exclamou Diogo. "Tresandas a *Olá Spice*, pá! Despejaste um frasco na cabeça ou quê?"

Angelino esboçou uma expressão agoniada e colou o nariz ao lenço verde.

"Ainda cheiro muito?" Estalou a língua, contrariado. "Que merda!..."

"O que aconteceu?"

O comando revirou os olhos, engoliu mais um trago de *Laurentina* e depois arrotou.

"Ah, pá! Nem me fales, caraças!" Novo arrote. "Sabes de onde venho agora?"

"Do Mazoi?"

Angelino abanou a cabeça.

"De Wiryamu, porra!"

"O quê?", admirou-se Diogo. "Da aldeia onde?..."

"Essa mesmo."

"O que foste lá fazer?"

O comandante dos comandos voltou a colar o gargalo da garrafa aos lábios e, içando-a bem alta, engoliu o que restava da cerveja. Depois limpou a boca à manga da camisa e fez uma expressão de enjoo que culminou em mais um arrote.

"Fui outra vez chamado à ZOT, pá", disse. "Parece que houve um médico que foi à aldeia e viu aquela merda toda que para lá fizemos com os pides. A informação transpirou para os padres espanhóis e já há uns zunzuns a circular sobre o assunto. Por causa do filho da puta desse médico, o GPZ vai amanhã

enviar um heli para sobrevoar a aldeia com uma equipa da delegação de saúde."

Até aí a sustentar a conversa apenas por delicadeza, estas referências despertaram a atenção de Diogo.

"Disseram-te onde está esse médico?"

"Com a PIDE, acho eu. Então, por causa do heli que o GPZ vai..."

"A PIDE aqui em Tete?"

Angelino franziu as sobrancelhas, admirado e irritado com a insistência.

"Sei lá!", exclamou com um encolher de ombros. "Ouvi dizer na ZOT que o gajo foi despachado para Nampula, ou o raio que o parta. Mas que interessa isso?"

A informação fez Diogo estreitar inadvertidamente os olhos. Nampula? Isso queria dizer que o tio fora enviado para o quartel-general do general Kaúlza de Arriaga. Mas o que lhe queriam em Nampula? Era de qualquer modo uma informação preciosa, que teria de comunicar à tia Mímicas antes de ela partir para Lourenço Marques; talvez pudessem fazer alguma coisa para chegar até ao tio. Preocupado de momento em manter o seu interlocutor na ignorância quanto à sua ligação familiar com o médico indiscreto, o furriel esboçou um gesto de indiferença.

"Continua."

"Como te estava a dizer, por causa do voo amanhã do heli do GPZ recebi ordens para voltar à aldeia e limpar aquela merda toda."

"Mas isso já foi feito", admirou-se Diogo. "Maior limpeza do que aquela parece-me impossível..."

"Desta vez 'limpar' significa enterrar os mortos e pôr tudo num brinco", esclareceu Angelino. "De modo que eu e os meus homens tivemos de lá voltar esta manhã, vinte dias depois da operação." Fez um gesto vago para cima. "Estás-me a topar este calor? Agora imagina o cheiro de centenas de corpos a apodrecerem durante vinte dias com esta temperatura." Revirou os olhos. "Puf, era um fedor que não se podia!" Tocou no